

OS ESTUDOS DE CULTURA FÍSICA NA UNIVERSIDADE DE BATH-REINO UNIDO: DIMENSÕES DE UMA ABORDAGEM MUITO ALÉM DA FÍSICALIDADE

*THE STUDIES OF PHYSICAL CULTURE AT THE UNIVERSITY OF BATH,
UNITED KINGDOM: DIMENSIONS OF AN APPROACH THAT GOES WAY
BEYOND PHYSICALITY*

*LOS ESTUDIOS DE CULTURA FÍSICA EN LA UNIVERSIDAD DE BATH –
REINO UNIDO: DIMENSIONES DE UN ENFOQUE MUCHO MÁS ALLÁ DE LA
FÍSICALIDAD*

Larissa Michelle Lara*, Emma Rich**

Palavras chave:
Cultura física.
Corpo.
Produção de
conhecimento.

Resumo: Nas últimas duas décadas, a análise da cultura física provocou uma série de respostas baseadas em diferentes orientações teóricas. Neste artigo, procuramos oferecer uma visão deste campo complexo por meio da análise de parte do trabalho produzido pelo grupo de pesquisa Physical Cultural Studies (PCS) na Universidade de Bath, Reino Unido, no intuito de entender como a cultura física é teorizada e de que modo os temas investigativos são materializados por essa abordagem. Compõe o percurso metodológico a análise de artigos científicos vinculados aos pesquisadores do referido grupo, entre 2009 e 2016, a qual resulta na organização dos dados em duas categorias temáticas: a) dimensões epistemológicas, ontológicas e metodológicas do PCS; b) temas investigativos em cultura física. Conclui-se que a abordagem teórico-conceitual da cultura física, longe de ser fixa, estrutura-se a partir de articulações múltiplas e complexas das relações sociais, dos discursos e das subjetividades dos corpos (in)ativos.

Keywords:
Physical Culture.
Body.
Production of
knowledge.

Abstract: Over the past two decades the analysis of physical culture has elicited a range of responses grounded on different theoretical orientations. This paper offers some insight into this complex field through an analysis of some of the work produced by the Physical Cultural Studies (PCS) research group at the University of Bath, United Kingdom, in order to understand how physical culture is theorised and how research topics are materialized by that approach. The methodology consisted in analyzing the group's theoretical production between 2009 and 2016, which results in data organized as two thematic categories: a) epistemological, ontological, and methodological dimensions of PCS; b) research topics in physical culture. We concluded that the theoretical-conceptual approach towards physical culture is far from being fixed and is based on multiple and complex interconnections of social relations, discourses and subjectivities of (in)active bodies.

Palabras clave:
Cultura Física.
Cuerpo.
Producción de
Conocimiento.

Resumen: En las últimas dos décadas, el análisis de la cultura física ha provocado una serie de respuestas basadas en diferentes orientaciones teóricas. En este artículo intentamos ofrecer una visión de este campo complejo a través del análisis de parte del trabajo producido por el grupo de investigación Physical Cultural Studies (PCS) en la Universidad de Bath, Reino Unido, con el fin de entender cómo la cultura física es teorizada y cómo los temas de investigación son desarrollados por ese enfoque. Compone el recorrido metodológico el análisis de artículos científicos producidos por el PCS entre 2009 y 2016, lo cual resulta en la organización de los datos en dos categorías temáticas: a) dimensiones epistemológicas, ontológicas y metodológicas del PCS; b) temas de investigación en cultura física. Se concluye que el enfoque teórico conceptual de la cultura física, lejos de ser fijo, se estructura a partir de articulaciones múltiples y complejas de las relaciones sociales, de los discursos y de las subjetividades de los cuerpos (in)activos.

*Universidade Estadual de Maringá.
Maringá, PR, Brasil.
E-mail: lmlara@uem.br

**University of Bath. Reino Unido.
E-mail: e.rich@bath.ac.uk

Recebido em: 22-06-2017
Aprovado em: 19-10-2017

DOI:
<http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.74326>



1 INTRODUÇÃO

Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies* – PCS) é um nome polêmico e nebuloso que tem sido referenciado diversamente pela respectiva literatura como projeto, formação intelectual, quadro, movimento, campo de investigação, sensibilidade, mandato e abordagem. Ao procurar expandir os parâmetros de investigação para além do cenário esportivo, o PCS foca o movimento *embodiment*¹, incluindo, mas não se limitando aos diversos locais e práticas de esporte, lazer/recreação, aptidão, exercício, dança ou práticas de saúde. Contudo, isso não se dá desprovido de tensões. Críticas têm surgido em relação à maneira como o conhecimento produzido pelo PCS é ordenado e narrado em sua existência em relação às disciplinas adjacentes, o que gera uma série de discussões contemporâneas que agregam diferentes abordagens ontológica, epistemológica e metodológica para a cultura física.

O debate em torno da cultura física tem sido desenvolvido previsivelmente de diferentes formas por meio da junção de conhecimentos produzidos por variadas narrativas, grupos de pesquisa e orientações teóricas. Entretanto, ao invés de tentarmos esboçar os parâmetros desse campo, procuramos primeiramente entender como o PCS está sendo organizado relacionalmente e em suas várias expressões emergentes. Nessa direção, ao reconhecermos a inexistência de fronteiras fixas, passamos a examinar as possibilidades geradoras de diferentes articulações e formações do PCS, sendo uma questão emergente a forma como distintos grupos de estudo e pesquisa têm se organizado em torno de perspectivas teóricas particulares do PCS. Daí oferecermos uma contribuição singular à disseminação do projeto PCS, apresentando parte do trabalho teórico-investigativo desenvolvido pelo grupo *Physical Cultural Studies*² na Universidade de Bath, Reino Unido, no período de 2009 a 2016, no intuito de entender como a cultura física é teorizada e como os temas investigativos são materializados por esta abordagem³.

Ao tomarmos a cultura física por objeto investigativo, assumimos o entendimento de “físico” não como entidade metafísica, mas como “[...] uma categoria fluida, dinâmica, cuja definição e composição são dependentes das especificidades do contexto (tanto sincrônico quanto diacrônico) em questão” (SILK; ANDREWS, 2011, p.15, tradução nossa). Nessa direção, suas bases epistemológicas, ontológicas e metodológicas orientam reflexões acerca do corpo (in)ativo⁴ – percebido em sua dimensão contextual em meio às diferenças de classe, gênero, etnia, raça, sexualidade, geração, nação – assim como questionam relações de poder,

1 A palavra *embodiment* tem sido frequentemente utilizada no campo da produção em arte, no contexto brasileiro, em sua expressão original na língua inglesa, dada a inexistência de um termo correlato capaz de dimensioná-lo. Nesse texto, adotamos o mesmo procedimento, entendendo que o sentido de *embodiment* sugere a percepção do sujeito em sua dimensão holística a partir de um corpo vivido, experimentado, incorporado, encontrado em si mesmo e na relação com o outro, percebido como um composto unitário relacional entre matéria, desejo, consciência, emoções e subjetividade. Cf. estudos desenvolvidos por Francombe-Webb e Silk (2016), Francombe-Webb, Rich e De Pian (2014), Evans, Davies e Rich (2014) e De Pian (2012).

2 Como o grupo de pesquisa *Physical Cultural Studies* (PCS) tem o mesmo nome da teoria que ampara sua base investigativa, utilizaremos a nomenclatura em língua inglesa e sua sigla PCS/Bath para o grupo de pesquisa, tratando a teoria pela tradução Estudos Culturais Físicos ou simplesmente PCS.

3 A imersão da primeira autora desse texto na Universidade de Bath para investigar o trabalho desenvolvido pelo PCS/Bath representou uma maneira de entender os Estudos Culturais Físicos “por dentro”. Tal intento deu-se orientado por duas especiais motivações: pelo interesse investigativo nos Estudos Culturais britânicos que, juntamente com outras teorias – sociologia do corpo, sociologia do esporte, estudos de gênero, raça, etnia e estudos *queer* (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017) – integra a base teórica do PCS, assim como pela possibilidade de aplicar esse conhecimento aos estudos do corpo e da cultura física. Em complemento, a escolha do referido grupo como loco investigativo deu-se por seu qualificado conjunto de pesquisadores, alguns dos quais vêm, desde 2008, produzindo conhecimento voltado aos direitos humanos, democracia e justiça social no acesso à cultura física.

4 Observam-se nos artigos formas distintas de menção ao corpo na cultura física, ora escrito como “corpo ativo” (SILK, ANDREWS, 2011), ora grafado como “corpo (in)ativo” (SILK; FRANCOMBE; ANDREWS, 2014). A última grafia, talvez, represente esforços no sentido de uma cultura física que abarque também o corpo doente, limitado fisicamente ou não humano.

regulação/controle e práticas neoliberais que destituem direitos e invalidam processos éticos e democráticos.

A cultura física a que nos referimos tem sua fundamentação nos Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies*) que se constituem como campo de conhecimento recente – final da década de 1990 – e em processo de estruturação e consolidação a partir do trabalho investigativo e de intervenção (SILK; ANDREWS; 2011) destacado por pesquisadores vinculados a universidades no Reino Unido, nos EUA, no Canadá, na Nova Zelândia e na Austrália⁵, para citar alguns, preocupados com a função social do pesquisador e do conhecimento produzido que possa levar a transformações sociais, sobretudo daqueles invisibilizados socialmente.

Os apontamentos que fazemos a partir de nossos processos (inter)subjetivos de reflexão são estruturados em três seções: na primeira, discorreremos acerca do Grupo de Pesquisa PCS/Bath e da cultura física a partir da teoria dos Estudos Culturais Físicos; na segunda, elucidamos os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento investigativo; na terceira, ilustramos como a perspectiva dos Estudos Culturais Físicos é desenhada a partir de produções teóricas do referido grupo. Com isso, esperamos trazer elementos acerca de um campo recente de estudos e investigações na expectativa de que esse escrito colaborativo promova reflexões epistêmicas, inspire debates e contribua para a compreensão do potencial gerador do PCS em seu processo de desenvolvimento e consolidação.

2 O GRUPO DE PESQUISA PCS/BATH E A PERSPECTIVA TEÓRICA DOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS

O grupo de pesquisa *Physical Cultural Studies*-PCS/Bath está situado no Departamento para a Saúde no interior da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, na Universidade de Bath, Reino Unido. Criado em 2008, o grupo tem sido composto por professores/pesquisadores e pós-graduandos da referida universidade, acrescido da colaboração de pesquisadores visitantes ligados a outras instituições de ensino superior, inclusive em outros países. Os professores participantes do PCS/Bath⁶, com formações iniciais em Sociologia, Pedagogia e Ciências Sociais (na maior parte dos casos), têm contribuído com a docência ao prepararem inúmeros estudantes no curso de graduação em Esporte e Ciências Sociais (*BA Sport and Social Sciences*), bem como na orientação de estudantes de doutorado.

O trabalho empreendido pelo grupo de pesquisa PCS/Bath guia-se por múltiplas orientações ontológicas, teóricas e metodológicas no interior da teoria PCS e desenvolve-se em meio a vários temas no âmbito da cultura física mais ampla, como corpo, saúde, doença, esporte, bem-estar, atividade física, em suas relações com meio ambiente, espaço urbano, pedagogias, identidades, desigualdades e relações de poder, de forma contextualizada (RICH, 2011; ANDREWS, SILK, 2011; ANDREWS, 2008). Como observam Silk e Andrews (2011), operar na linha dos Estudos Culturais Físicos é reconhecer que práticas, discursos e subjetividades somente podem ser compreendidos na articulação com complexas relações políticas, sociais,

5 Como exemplos de pesquisadores que dialogam com os Estudos Culturais Físicos, citamos: Reino Unido – Emma Rich, Ian McDonald, Jennifer Hargreaves, Margaret Carlisle Duncan e Michael Silk; EUA – David L. Andrews e Michael D. Giardina; Nova Zelândia – Joshua I. Newman, Lisette Burrows, Holly Thorpe; Canadá – Patricia Vertinsky; Michael Atkinson; Austrália – Jan Wright; Tara Brabazon.

6 O grupo de pesquisa PCS é atualmente formado pelos seguintes pesquisadores: Anthony Bush, Bryan Clift, Jessica Francombe-Webb, Simone Fullagar, Andrew Manley, Stephanie Merchant, Brad Millington, Emma Rich, Cassandra Phoenix e Darragh McGee, vinculados à University of Bath, bem como Michael Silk, atualmente na Bournemouth University. Laura de De Pian integrou o grupo durante o período analisado, embora não mais se encontre a ele vinculada.

econômicas e também tecnológicas. Os pesquisadores julgam que desenvolver a perspectiva dos Estudos Culturais Físicos é ter a base teórico-política dos Estudos Culturais (ver MORLEY, CHEN, 1996) somada ao recorte analítico da cultura física ampla, pensada a partir de várias dimensões da fisicalidade, embora não se restrinja a elas, agregando motivações e práticas distintas de organização, poder e regulação do movimento humano.

A origem dos Estudos Culturais Físicos, segundo Andrews e Silk (2011), está ligada a um mal-estar gerado no campo acadêmico com o entendimento do esporte (por parte de certos ramos da Sociologia) como o fim último de tudo⁷, o que levou algumas perspectivas com focos não esportivos a serem postas na periferia ou, pelo menos, na periferia empírica da Sociologia do Esporte. Tal problemática, esclarecem Silk e Andrews (2011) e Silk, Andrews e Thorpe (2017), chamou a atenção daqueles que realizavam abordagens críticas no interior dessa área, nos anos 1980, deflagrando um movimento para incluir a gama ampliada de formas culturais físicas, para além do esporte. Isso fez com que alguns pesquisadores da Sociologia do Esporte se organizassem em torno do campo denominado Estudos Culturais Físicos.

3 DO PERCURSO INVESTIGATIVO: (RE)CONHECENDO O PCS/BATH

Neste trabalho investigativo enfrentamos uma questão-chave. Nossa intenção era compreender as várias formações dos Estudos Culturais Físicos desenvolvidas pelos estudiosos do grupo de pesquisa PCS/Bath e as orientações teóricas por meio das quais as pesquisas se materializavam. No entanto, tal delineamento está, de certo modo, em tensão com a nossa compreensão de tais formações intelectuais como em constante estado de “vir a ser”. Assim, nossa meta não é delinear o que o PCS/Bath é ou pode se tornar dentro desse fluido arranjo investigativo. Em vez disso, nosso foco nas produções desse grupo tem como objetivo oferecer uma contribuição local aos debates em andamento sobre os Estudos Culturais Físicos que se materializam em distintos países, entendendo que essa produção traz singularidades discursivas que demarcam o papel desse coletivo no projeto em desenvolvimento⁸. A partir de então, questionamos o que seria necessário priorizar nesta seleção para o alcance dos indicativos que ajudariam a traduzir discursivamente o trabalho desenvolvido pelo PCS/Bath.

Ao pensarmos nessas problemáticas e nos critérios de seleção da produção teórica do grupo recorreremos primeiramente aos currículos dos pesquisadores ligados ao PCS/Bath (disponíveis *online* no *site* da universidade), os quais forneceram dados para a delimitação dos critérios. A partir de então, assumimos que o ano em que o professor ingressou no PCS/Bath é o momento que demarca sua participação no grupo, mas não necessariamente esse ano corresponde à produção teórica advinda de ações nesse coletivo. Daí termos considerado as publicações na forma de artigos científicos resultantes do ano subsequente ao seu ingresso, no período que vai de 2009 a 2016⁹, em um total de 80 artigos. Os critérios eleitos para a seleção da amostra foram complementares e não excludentes, haja vista que o atendimento de cada

7 A crítica ao esporte como “fim último de tudo” por parte dos autores refere-se ao entendimento de esporte limitado em si mesmo, desvinculado de uma percepção ampliada que considere práticas não necessariamente esportivas (dança, atividades físicas e expressivas, entre outras) em suas relações com gênero, etnia, raça, classe social, sexualidade, deficiência e em seus diversos contextos. Dessa problemática advém a defesa de um alargamento do entendimento do esporte pela cultura física, a qual abrange o esporte, mas não se limita a ele.

8 Vale lembrar que dos 12 pesquisadores que compõem o PCS/Bath, nove são autores em recente obra escrita acerca da teoria PCS, organizada por Silk, Andrews e Thorpe (2017).

9 Foram descartadas da análise as produções na forma de livros e capítulos de livros por demandarem outros esforços investigativos, dada a amplitude de publicações encontradas junto ao grupo de pesquisa PCS/Bath.

artigo a um único critério já era suficiente para integrá-la, embora pudesse também atender a mais de um. O acesso aos artigos deu-se pela base de dados da biblioteca da Universidade de Bath.

O primeiro critério focou as produções escritas coletivamente, as quais totalizaram 14 artigos escritos em coautoria por membros PCS e, em alguns casos, com a participação de coautores externos ao grupo. Esse critério foi adotado a partir do reconhecimento da importância relacional de produções coletivas em um grupo de pesquisa como resultado de ações colaborativas no campo teórico e de intervenção. Em atendimento ao segundo critério estiveram artigos que, em seu título, resumo, palavras-chave ou tópicos/subtópicos contivessem as expressões “*Physical Cultural Studies*” ou “*physical culture*”. Encontramos um total de seis artigos que atendiam a esse critério, sendo dois deles já relacionados no primeiro critério por serem escritos coletivamente por membros do PCS.

Num terceiro momento, procuramos complementar a coleta com artigos que tivessem em seu título, resumo, palavras-chave ou tópicos/subtópicos os termos *body* ou *bodies*, haja vista ser a tematização do corpo uma das preocupações centrais da teoria dos Estudos Culturais Físicos (SILK; ANDREWS, 2011), o que nos levou a um total de 15 artigos. Com isso, chegamos a um total de 33 artigos que atenderam a um ou mais dos critérios estabelecidos para a seleção da amostra. Em acréscimo, foram realizadas leituras exploratórias dos artigos que não atenderam a esses critérios no sentido de localizar uma ou outra produção que pudesse trazer complementações ao tema da pesquisa, embora essa ação tenha apenas confirmado a seleção anteriormente realizada. O armazenamento dos textos e a gestão das informações deram-se com o apoio do *software* livre Zotero, o qual possibilitou organizar os dados de referências, cópia do arquivo em PDF e notas com excertos.

A análise dos artigos científicos de pesquisadores ligados ao PCS/Bath levou-nos ao delineamento de categorias temáticas e subtemas surgidos *a posteriori* como resultado das leituras realizadas, demarcando aquilo que entendemos como aspectos fundantes da compreensão dos Estudos Culturais Físicos por sua recorrência e também pela potencialidade em dimensionar sua amplitude temática. O exercício de interpretar as demarcações principais dos artigos com a finalidade de associá-los a categorias e subtemas deu-se de forma dinâmica, haja vista ser possível encontrar um mesmo texto sendo referido nas duas categorias temáticas e, quiçá, em dois subtemas, dada a natureza complexa e inter-relacional dos vários conteúdos desenvolvidos pelos pesquisadores do PCS/Bath.

4 CULTURA FÍSICA E PCS/BATH

As categorias de análise desenvolvidas por meio deste texto e que melhor representam, a nosso ver, as produções teóricas analisadas do Grupo PCS/Bath são: 4.1) **Dimensões epistemológicas, ontológicas e metodológicas do PCS**; 4.2) **Temas investigativos em cultura física**. A segunda categoria foi desenvolvida a partir de seu desdobramento em cinco subtemas no sentido de facilitar a apresentação das distintas abordagens temáticas presentes nessas produções: a) Educação, políticas neoliberais e papel social do pesquisador; b) Esporte, meio ambiente, consumo e regulação do corpo; c) Tecnologias digitais aplicadas à saúde e/ou ao lazer; d) Corpo, doença, imperativos de saúde e subjetividade feminina; e) Métodos criativos e práticas pedagógicas inovadoras.

4.1 Dimensões epistemológicas, ontológicas e metodológicas do PCS

Dimensões epistemológicas, ontológicas e metodológicas do PCS, nossa primeira categoria temática de análise, não se dissocia da preocupação com uma prática interventora na realidade social. Segundo Silk e Andrews (2011, p.13, tradução nossa), no PCS, “[...] a epistemologia torna-se tanto dialógica quanto estética, e envolve reciprocidade e um diálogo moral contínuo entre as pessoas”, focada numa ética de responsabilidade pessoal e comunitária que possibilite a crítica social e gere resistência, mediada por uma estética do *embodiment*.

Vários estudiosos no interior do PCS reconhecem a importância de abordagens teóricas e metodológicas interdisciplinares para o trato da cultura física de modo a promover práticas de impacto em organizações públicas e privadas (ver FRANCOMBE-WEBB; SILK, 2016; ANDREWS *et al.* 2013; WRIGHT; BURROWS; RICH, 2012). Tais abordagens interdisciplinares são entendidas por esses autores como aquelas que nos possibilitam incursionar por conceitos e teorias de várias disciplinas no sentido de ampliar os olhares para a complexidade investigativa e de intervenção, sintetizando e integrando elementos de análise sociológica, histórica, antropológica, filosófica, entre outras, algo que esteve presente em todas as obras analisadas.

Como exemplos dessa preocupação com a interdisciplinaridade lembramos os estudos de Rich (2011) e Rich e Miah (2014) acerca da pedagogia pública¹⁰, nos quais são sugeridas atividades que possam envolver a comunidade e alimentar perspectivas de uma gradativa mudança social, cujos conhecimentos advenham de diferentes disciplinas e de seu diálogo. Silk, Francombe e Andrews (2014) entendem que o grupo de pesquisa PCS/Bath contribui para a interdisciplinaridade ao orientar-se por meio dela e ao contribuir para sua consecução. Os pesquisadores ainda avaliam que uma única perspectiva é carregada de cegueira e limitações em meio a modelos elitistas e técnicas de conhecimento cultural dominante.

Silk, Bush e Andrews (2010) veem a orientação epistemológica do PCS pautada num discurso humanista acerca do cuidado, da solidariedade e dos direitos humanos universais, em que a práxis crítica capacite as pessoas a chegarem a conclusões sobre a transformação e a participação da comunidade em todas as etapas do processo investigativo, intervindo em locais de injustiça cultural. Os pesquisadores entendem sua prática como um “interrogatório crítico do físico” (p. 116, tradução nossa) que se utiliza da linguagem para fazer a crítica, conectando lutas diversas em que a política seja pensada como forma de intervenção justa na vida pública.

Os enfoques ontológicos dados às produções teóricas pelo grupo PCS na Universidade de Bath voltam-se para a compreensão do ser e de seu corpo na cultura física, entendidos em sua diversidade étnica, de classe, gênero, geração e sexualidade, em suas teias complexas e relacionais. O ser é concebido em sua historicidade, visualizado como “devir” (mudança, transformação), discutido a partir do corpo (in)ativo atuante na sociedade por meio de um pensamento crítico e de uma ação engajada e democratizada a partir de seus pressupostos éticos e estéticos. Por esse caminho, o ser/corpo é mais que materialidade física, sendo

¹⁰ A pedagogia pública, segundo Rich e Miah (2014), é um “dispositivo analítico” que extrapola o campo da escolaridade formal, com possibilidades de exploração crítica das relações entre aspectos educativos e vida das pessoas quanto a suas práticas, corporeidade e subjetividades. Com base em contribuições teóricas dos Estudos Culturais, do feminismo, da pedagogia e de outras perspectivas disciplinares, a pedagogia pública chama a atenção, segundo os autores, para os discursos dominantes no campo da saúde que levam os sujeitos a monitorarem e a ajustarem seus corpos e estilos de vida na busca por comportamentos saudáveis. Logo, os sujeitos seriam cúmplices de uma cultura de autovigilância que subsidia esses discursos. Ao utilizar o conceito de pedagogia pública, Rich (2011) o associa especialmente a Henry Giroux, atentando para a contribuição desse termo junto ao projeto PCS.

pensado a partir de processos de *embodiment* – de experiências de in-corporação construídas cotidianamente, envolvendo sentimentos, desejos, necessidades, *habitus*, racionalidades, fazendo-se presente e atuante na sociedade a partir dos muitos modos de produzir conhecimento.

Os pesquisadores ligados ao PCS adotam uma abordagem multimétodo para o desenvolvimento de aspectos singulares ao campo da cultura física (SILK; ANDREWS, 2011), cujas estratégias metodológicas incluem histórias de vida (BUSH *et al.*, 2013), narrativas corporais do autor (FRANCOMBE-WEBB; RICH; DE PIAN, 2014), etnografias (BUSH; SILK, 2012), análises textuais (FRANCOMBE, 2013), entrevistas (MILLINGTON; WILSON, 2016; PAVLIDIS; FULLAGAR, 2015; RICH, 2012), questionários (EVANS *et al.*, 2013; RICH, 2012), grupos focais (FRANCOMBE, 2013) e pesquisa de ação participativa (FRANCOMBE, 2013), para citar alguns exemplos. Os Estudos Culturais Físicos voltam-se a métodos de codificação, classificação e análise de dados não convencionais (SILK; ANDREWS, 2011), os quais se estruturam numa lógica distinta dos tradicionais modelos de ciência, sugerindo que a escrita – ao estabelecer conexões e materializar pensamentos – seja o caminho para essa análise.

4.2 Temas investigativos em cultura física

A categoria **Temas investigativos em cultura física** tem como primeiro subtema problemáticas afetas a **educação, políticas neoliberais e papel social do pesquisador**. Por ele, evidenciamos as preocupações dos pesquisadores com relação à fragmentação e à hiperespecialização de alguns campos do conhecimento, especialmente aqueles alinhados a uma abordagem positivista e quantitativa com enfoque na eficiência, na objetividade, no lucro e na predição. Para ilustrar esse debate, Andrews *et al.* (2013) trazem densas reflexões acerca da Cinesiologia¹¹ como um desses campos de adequação ao mercado e acelerado processo de produção de ciência esvaziada de responsabilidade social. Silk, Francombe e Andrews (2014) e Silk *et al.* (2015) também observam a produção acelerada no âmbito do esporte (*fastsport-science*) e propõem que seu estudo seja fundamentado em uma filosofia do movimento lento (*slow movement*) para a produção de um conhecimento democrático e crítico no âmbito da cultura física.

Silk, Francombe e Andrews (2014) mostram como essas discussões lhes são caras e necessárias ao desenvolvimento de investigações que sejam éticas, responsáveis e que desafiem ortodoxias a partir de racionalidades movidas por sentidos de igualdade, liberdade e justiça nos espaços da universidade e para além dela. Nessa direção, segundo Silk, Bush e Andrews (2010), torna-se essencial questionar as forças neoliberais, neocientistas e neoconservadoras que buscam enquadrar a educação superior em um modelo definido por programas, políticas e práticas baseados em evidências como o único caminho orientador da vida acadêmica.

Ao desenvolverem temas investigativos na tessitura dos Estudos Culturais Físicos em **esporte, meio ambiente, consumo e regulação do corpo**, nosso segundo subtema, são explorados assuntos relacionados a mecanismos de poder que envolvem esporte e meio ambiente (MILLINGTON; WILSON, 2016), Jogos Paralímpicos (BUSH *et al.*, 2013; BUSH; SILK, 2012), Jogos Olímpicos (MANLEY; SILK, 2014) e Copa do Mundo (SILK; FRANCOMBE-WEBB; ANDREWS, 2014). Os autores discutem criticamente o uso do esporte na égide da racionalização da economia e das políticas neoliberais que projetam novas paisagens urbanas

11 A Cinesiologia tem sido uma das nomenclaturas usadas no contexto internacional, sobretudo nos EUA, para definir um campo de estudos do movimento que, no Brasil, é comumente conhecido por Educação Física.

para incentivar a acumulação de capital voltado ao consumo, para criar mecanismos de vigilância e controle do corpo, bem como para moldar identidades e subjetividades nacionais.

Millington e Wilson (2016) dão visibilidade às contendas envolvendo poder, políticas ambientalistas e construção de um complexo de golfe, ao mesmo tempo em que evocam revisões epistemológicas acerca da centralidade do corpo nos Estudos Culturais Físicos pelo viés do não humano¹². Bush *et al.* (2013) trazem narrativas pessoais de atletas paralímpicos de elite para mostrar o cenário por trás dos holofotes, marcado por patologização do corpo, suicídio, *glamour*, aceitação, fracasso e mercantilização neoliberal. Narrativas de treinadores ligados ao esporte para deficientes são evidenciadas por Bush e Silk (2012) ao tratarem do processo educativo do treinador para o enfrentamento das questões políticas e de poder que envolvem o esporte para deficientes. Práticas culturais esportivas ligadas à imaginação popular e ao nacionalismo (como a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra) ilustram discursos de nação, regulação, subjetividade, aceitação multicultural e consumo (SILK; FRANCOMBE-WEBB; ANDREWS, 2014), assim como os Jogos Olímpicos de Londres 2014, discutidos por Manley e Silk (2014), são evidenciados em seus impactos a partir dos desdobramentos contextuais decorrentes de ataques terroristas, mecanismos de controle e vigilância dos corpos.

O terceiro subtema – As **tecnologias digitais aplicadas à saúde e/ou ao lazer** – desenhado a partir de pesquisas de Silk *et al.* (2016), Rich e Miah (2014) e Millington (2016, 2014), sugere a necessidade de debates acadêmicos e públicos que enfrentem a mudança tecnológica e que incluam comportamentos engendrados por consumo neoliberal, vigilância, relações de poder desiguais e mobilizações sociais. Como exemplo dessa abordagem, Silk *et al.* (2016) entendem que as tecnologias de lazer tornam borradas as fronteiras entre espaços de lazer públicos, privados e digitais, criando-se uma cultura de lazer visual digitalizada e exacerbada em uma variedade de plataformas de mídia social, em que o corpo é exibido publicamente, numa espécie de estética corporal neoliberal normalizada.

Millington (2016) discute criticamente o uso de tecnologias aplicadas ao corpo com vistas a seu monitoramento a partir do estudo da postura, julgando ser esse um exemplo da incorporação de “não humanos” (tecnologias) às iniciativas de saúde pública. Em outro artigo, Millington (2014) discorre acerca de tecnologias aplicadas ao corpo na relação entre jogos e exercício físico e cognitivo, avaliando como *bio-games* oferecem serviços de *fitness* e se configuram como métricas de risco por conterem formas de disciplina, vigilância e especialização. Em complemento, Rich e Miah (2014) fazem críticas às tecnologias de saúde digitais por meio da pedagogia pública, mostrando como as pessoas se envolvem com esses dispositivos móveis e os riscos decorrentes de seu uso, ligados à vigilância da vida, dos corpos e da saúde.

Corpo, doença, imperativos de saúde e subjetividade feminina constitui o quarto subtópico eleito, em que são contempladas pesquisas acerca de representações veiculadas na sociedade em geral e, particularmente, em diferentes realidades escolares. Estudos desenvolvidos acerca da doença de Ménière são propostos por Bell, Tyrrell e Phoenix (2016a, 2016b) ao fazerem a leitura do corpo, discutindo como as experiências pessoais podem ser ligadas e moldadas pelas transições de vida que o estado de doença crônica sugere. Já a saúde

¹² Os autores utilizam-se das discussões acerca de contendas judiciais envolvendo a construção do *Trump International Golf Links* (do proprietário Donald Trump), movimento ambientalista e comunidade local para reivindicarem o papel “importante e necessário” que os não humanos (representados, no referido texto, por dunas de areia e animais) desempenham em contextos culturais diversos. Daí proporem uma revisão no antropocentrismo que julgam estar presente nos Estudos Culturais Físicos.

é tratada a partir de estudos sobre seus imperativos em escolas no Reino Unido (RICH; DE PIAN; FRANCOMBE-WEBB, 2015; RICH; EVANS, 2013; DE PIAN, 2012; RICH, 2012, 2010) e também na Nova Zelândia e Austrália (WRIGHT; BURROWS. RICH, 2012.). Os estudiosos procuraram entender como professores e alunos promovem e incorporam o discurso da obesidade, trazendo reflexões acerca das biopedagogias de vigilância que desconSIDERAM especificidades de classe social, de gênero e questões étnicas, responsabilizando o indivíduo por sua saúde. Em acréscimo, abordagens que transcendem a escola (RICH; DE PIAN; FRANCOMBE-WEBB, 2015) sugerem avanços na compreensão da saúde, sobretudo em relação aos marginalizados quanto ao seu acesso.

Os imperativos de saúde e o problema da obesidade destacam-se na abordagem da subjetividade feminina em autores como Francombe-Webb e Silk (2016), Francombe-Webb, Rich e De Pian (2012) e Francombe (2014, 2013). Nesses estudos, o corpo feminino é radicalmente abordado em sua dimensão contextual e intersubjetiva, cujas pesquisas em escolas mostram formas de governança biopolítica que levam à deflagração de uma moralidade acerca do que vem a ser entendido como feminino. Em acréscimo, a subjetividade feminina também é abordada em métodos de pesquisa voltados à pedagogia performativa física e interdisciplinar da subjetividade (FRANCOMBE, 2013), em práticas de lazer e experiências de *embodiment*, consumo, culturas de aparência e investimento mercantilizado (FRANCOMBE, 2014), na dor e no prazer ocasionados por prática esportiva ao mobilizar afetos de modos particulares (PAVLIDIS; FULLAGAR, 2015) e em como representações de mulheres jovens influenciam seus corpos e seu processo de *embodiment*, sua noção de saúde e a construção da subjetividade (RICH; EVANS, 2013).

O último subtópico de análise – **Métodos criativos e práticas pedagógicas inovadoras** – “traz questões acerca de uma variedade de metodologias usadas para progredir no estudo da atividade física, do movimento e da saúde” (RICH, 2011, p. 65, tradução nossa), assim como no do lazer (MERCHANT, 2016). Essas abordagens são desenvolvidas de formas diferentes pelos pesquisadores a partir de relações entre a Pedagogia e os Estudos Culturais Físicos (RICH, 2011), em formas de treinamento esportivo pautadas na Pedagogia Física da Bricolagem (BUSH; SILK, 2010), em preocupações com a estruturação de currículos inovadores em nível universitário (SILK; FRANCOMBE-WEBB; ANDREWS, 2014) e escolar (EVANS *et al.*, 2013) que façam críticas ao esporte contemporâneo e aos imperativos de saúde, bem como em práticas criativas de mapeamento participativo que procurem entender as experiências de *embodiment* a partir da coleta de dados geolocalizados em paisagens urbanas distintas (MERCHANT, 2016).

Evans, Davies e Rich (2014) entendem ser essencial discutir formas de articular o corpo como “matéria” e o corpo na e pela cultura, em sua experiência de *embodiment*. Francombe (2013) segue nessa direção ao propor uma pedagogia físico-performativa da subjetividade que leve o pesquisador a se envolver com os pesquisados no entendimento de sua subjetividade e experiências de *embodiment* e a estar atento às relações de poder nesse processo. Para tanto, são requeridos outros modos de percepção da fisicalidade – para além do físico (SILK *et al.*, 2015) – em seus elos com a saúde, com o bem-estar, a educação, o lazer, as políticas ambientais, respeitando-se os diferentes corpos em suas dimensões contextuais diversas.

Uma vez que o projeto PCS dialoga com os Estudos Culturais, a Sociologia do Corpo, a Sociologia do Esporte, os Estudos de Gênero/Etnia/Raça, entre outros, a partir de uma

extensa diversidade temática, consideramos inviável a tentativa de delimitar fontes teóricas predominantes no conjunto dos textos analisados junto ao grupo PCS/Bath. Apesar disso, é possível notar, em grande parte desses textos, o diálogo intenso com o norte-americano Henry Giroux na abordagem de pedagogias críticas, pedagogia pública e Estudos Culturais. Nomes também recorrentes nas produções analisadas, embora menos evidenciados que Giroux, são Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Eduard Said, Homi K. Bhabha, Michael Foucault, Félix Guattari, Gilles Deleuze, Pierre Bourdieu, George Ritzer e Lawrence Grosberg. Os contemporâneos dos pesquisadores do PCS/Bath e parceiros em investigações na linha dos Estudos Culturais Físicos, a exemplo de David Andrews, Michael Giardina, Joshua Newman, Norman Denzin, Margaret Duncan, Patrícia Vertinsky e Adele Pavlidis, são bastante citados nessas produções, contribuindo, inclusive, para dar visibilidade a esse projeto e a seu processo de consolidação.

5 CONCLUSÃO: A CULTURA FÍSICA TRANSCENDE O MERAMENTE FÍSICO; ELA MOVE-SE EM MÚLTIPLAS DIREÇÕES

Ao organizarmos os artigos em categorias temáticas e subtemas lembramos o quão complexa é essa tarefa interpretativa, dado o fato das produções analisadas serem materializadas a partir de diferentes temas no âmbito da cultura física, deflagrados em seus contextos diversos (sociais, políticos, econômicos e tecnológicos) e em sua diversidade (gênero, raça, etnia, classe social, deficiência, entre outros). Tal fato pode ser exemplificado com base no desenvolvimento da primeira categoria, voltada às “dimensões epistemológicas, ontológicas e metodológicas do PCS”, a qual poderia ter sido conduzida a partir de todos os textos trabalhados, sobretudo por trazerem, de alguma forma, tais dimensões. Contudo, essa categoria foi estruturada a partir dos textos que, a nosso ver, focavam mais explícita e diretamente tais dimensões. Ao mesmo tempo, alguns dos textos trabalhados na primeira categoria, a exemplo de Francombe-Webb e Silk (2016), Rich e Miah (2014), Andrews *et al.* (2013) e Andrews (2010), também estão presentes na segunda categoria por explicitarem marcadores dos subtemas nela desenvolvidos.

Situação semelhante pode ser evidenciada em relação aos subtemas eleitos para a segunda categoria. Mesmo que tenhamos alocado os artigos analisados em dado subtema a partir dos assuntos neles destacados, um ou outro artigo compôs mais de um subtema, a exemplo do texto de Silk, Francombe-Webb e Andrews (2014), presente tanto em “esporte, meio ambiente, consumo e regulação do corpo” quanto no subtema ligado aos “métodos criativos e práticas pedagógicas inovadoras”. Outro exemplo se refere ao texto de Francombe (2013), evidenciado no quarto e também no quinto subtema, sobretudo por sua rica tematização da subjetividade feminina e dos métodos criativos no âmbito da cultura física. Em acréscimo, discussões em torno do corpo, de sua regulação e das experiências de *embodiment* estão presentes em parte significativa dos textos analisados, embora tais conteúdos tenham sido abordados a partir dos textos que, a nosso ver, deram ênfase a esses temas. Daí ser necessário ressaltar que a análise da produção na linha teórica do PCS (que pressupõe o trato com uma rede complexa de teorias, temas e metodologias, numa perspectiva interdisciplinar), na forma de categorias e subtemas, assume uma finalidade didático-investigativa a partir daquilo que “pulsa” em sua constituição, embora o conjunto da obra em si seja completamente inter-relacional.

Com base nas incursões teóricas realizadas pelas produções teóricas do PCS/Bath, reiteramos a contribuição do grupo para o entendimento de uma cultura física muito além da

fisicalidade ao transcender formas lineares e fragmentárias de pensar o sujeito e seu corpo. Tal perspectiva pode ser observada em cada texto analisado, uma vez que nenhum tema é abordado de forma descolada dos aspectos contextuais que os constituem e das relações de poder e instâncias reguladoras que trazem implicações ao seu desenvolvimento. De modo geral, os artigos trazem preocupações com uma produção de conhecimento em cultura física que faça sentido à vida dos sujeitos nela envolvidos (pesquisador e pesquisado) e que se constitua como campo teórico e de intervenção, denunciando processos de injustiça social e discursos hegemônicos a partir de processos democráticos e de respeito à diversidade.

Ao realizarmos tais interlocuções ressaltamos nossas motivações para continuar a ler, escrever, refletir e produzir conhecimento na abordagem dos Estudos Culturais Físicos dada a identificação com formas discursivas que se propõem a investigar a cultura física de maneira justa e responsável para com os diferentes sujeitos em seu complexo ensejo de conhecer. Afinal, o conhecimento tem sentido quando nos desloca de nossas bases e quando nos reinventa, promovendo mudanças que se repercutem no processo de *embodiment* (de incorporação) rumo a novos saberes. Dada sua característica, a teoria dos Estudos Culturais Físicos não emula a verdade, mas se abre à crítica a partir do entendimento de que vozes destoantes aguçam e incitam ao debate, refinando o processo comunicacional que leva à revisão de conceitos, ideias e formas de expressão da racionalidade – estéticas, morais, corpóreas e intelectuais.

Temos ciência de que a argumentação discursiva em prol de uma cultura física democrática, diversa, ética, estética, de afirmação da vida e transformação social por meio da forma como o sujeito produz conhecimento e o recria pode ser lida por alguns como “salvacionista”. Contudo, a hegemonia de um pensamento conservador, a-histórico e de invisibilidade do diferente ganha terreno no fazer científico, na escola, na universidade e nos modos de conhecer – “erva daninha” que corrompe, deforma, naturaliza e iguala – o que requer ações de impacto, inclusive discursivas, que possam lutar contra a acídia contemporânea que acomete os diferentes sujeitos em sua vida cotidiana e profissional. As vozes que ecoam nas produções teóricas analisadas chamam para a mudança, para a responsabilidade social, para a crítica aos modelos neoliberais que assolam nosso cotidiano e para o engajamento a partir de uma releitura de nosso papel de pesquisadores e educadores.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, David L.; SILK, Michael; FRANCOMBE, Jessica; BUSH, Anthony.

McKinesiology. **Review of Education, Pedagogy and Cultural Studies**, v. 35, n. 5, p. 335-356, 2013.

ANDREWS, D. David L.; SILK, Michael. [Physical Cultural Studies: engendering a productive dialogue](#). **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p. 1-3, 2011.

BELL, Sarah L.; TYRRELL, Jessica; PHOENIX, Cassandra. Ménière’s disease and biographical disruption: where family transitions collide. **Social Science and Medicine**, n. 166, p. 177-185, 2016a.

BELL, Sarah L.; TYRRELL, Jessica; PHOENIX, Cassandra. A day in the life of a Ménière’s patient: understanding the lived experiences and mental health impacts of Ménière’s disease. **Sociology of Health and Illness**, p. 1-16, Nov. 2016b.

BUSH, Anthony; SILK, Michael. Politics, power & the podium: coaching for paralympic performance. **Reflective Practice**, v.13, n. 3, p. 471-482, 2012.

BUSH, Anthony; SILK, Michael; PORTER, Jill; HOWE, P. David. Disability [sport] and discourse: stories within the paralympic legacy. **Reflective Practice**, v.14, n. 5, p. 632-647, 2013.

BUSH, Anthony; J., SILK, Michael. Towards an evolving critical consciousness in coaching research: the Physical Pedagogic Bricolage. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.5, n.4, p. 551-565, 2010.

DE PIAN, Laura. 'Emboldened bodies': social class, school health policy and obesity discourse. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, v. 33, n. 5, p. 655-672, dez.2012.

EVANS, John; DAVIES, Brian; RICH, Emma; DE PIAN, Laura. Understanding policy: why health education policy is important and why it does not appear to work. **British Educational Research Journal**, v.39, n.2, p. 320-337, 2013.

EVANS, John; DAVIES, Brian; RICH, Emma. We/you can tell talk from matter: a conversation with Håkan Larsson and Mikael Quennerstedt. **Sport, Education and Society**, v.19, n. 5, p. 652-665, may 2013.

FRANCOMBE, Jessica. Learning to leisure: femininity and practices of the body. **Leisure Studies**, v.33, n. 6, p. 580-597, 2014.

FRANCOMBE, Jessica. Methods that move: a physical performative pedagogy of subjectivity. **Sociology of Sport**, v. 30, n. 3, p. 256-273, 2013.

FRANCOMBE-WEBB, Jessica; RICH, Emma; DE PIAN, Laura. I move like you... but different: biopolitics and embodied methodologies. **Cultural Studies - Critical Methodologies**, v.14, n. 5, p. 471-482, 2014.

FRANCOMBE-WEBB, Jessica; SILK, Michael. Young girls' embodied experiences of femininity and social class. **Sociology**, v.50, n. 4, p. 652-672, 2016.

MANLEY, Andrew; SILK, Michael. Liquid London: sporting spectacle, britishness and ban-optic surveillance. **Surveillance and Society**, v.11, n. 4, p. 360-376, 2014.

MERCHANT, Stephanie. The promise of creative/participatory mapping practices for sport and leisure research. **Leisure Studies**, v. 36, n. 2, p. 182-191, set. 2016.

MILLINGTON, Brad. Amusing ourselves to life: Fitness consumerism and the birth of bio-games. **Journal of Sport and Social Issues**, v.38, n. 6, p. 491-508, 2014.

MILLINGTON, Brad. 'Quantify the invisible': notes toward a future of posture. **Critical Public Health**, v.24, n. 6, p. 405-417, 2016.

MILLINGTON, Brad; WILSON, Brian. Contested terrain and terrain that contests: Donald Trump, golf's environmental politics, and a challenge to anthropocentrism in Physical Cultural Studies. **International Review for the Sociology of Sport**, p.1-14, Feb. 2016.

MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. **Stuart Hall: critical dialogues in cultural studies**. London: Routledge, 1996.

PAVLIDIS, Adele; FULLAGAR, Simone. The pain and pleasure of roller derby: thinking through affect and subjectification. **International Journal of Cultural Studies**, v.18, n. 5, p. 483-499, 2015.

RICH, Emma. Beyond school boundaries: new health imperatives, families and schools.

Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education, v.33, n. 5, p. 635-654, 2012.

RICH, Emma. Exploring the relationship between pedagogy and Physical Cultural Studies: the case of new health imperatives in schools. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p. 64-84, 2011.

RICH, Emma. Obesity assemblages and surveillance in schools. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v.23, n.7, p. 803-821, 2010.

RICH, Emma; DE PIAN, Laura; FRANCOMBE-WEBB, Jessica. Physical cultures of stigmatisation: health, policy & social class. **Sociological Research Online**, v. 20, n.2, p.1-14, 2015.

RICH, Emma; EVANS, John. Changing times, future bodies?: the significance of health in young women's imagined futures. **Pedagogy, Culture & Society**, v.21, n. 1, p. 5-22, 2013.

RICH, Emma; MIAH, Andy. Understanding digital health as public pedagogy: a critical framework. **Societies**, v.4, n. 2, p. 296-315, 2014.

SILK, Michael; ANDREWS, David L. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v.28, n.1, p. 4-35, 2011.

SILK, Michael; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017.

SILK, Michael; BUSH, Anthony; ANDREWS, David L. Contingent intellectual amateurism, or, the problem with evidence-based research. **Journal of Sport and Social Issues**, v.34, n. 1, p. 105-128, 2010.

SILK, Michael; FRANCOMBE, Jessica; ANDREWS, David L. Slowing the social sciences of sport: on the possibilities of physical culture. **Sport in Society**, v.17, n. 10, p. 1266-1289, 2014.

SILK, Michael; FRANCOMBE-WEBB, Jessica; ANDREWS, David L. The corporate constitution of national culture: the mythopoeia of 1966. **Continuum: Journal of Media and Cultural Studies**, v.28, n. 5, p. 720-736, 2014.

SILK, Michael; FRANCOMBE-WEBB, Jessica; RICH, Emma; MERCHANT, Stephanie. On the transgressive possibilities of physical pedagogic practices. **Qualitative Inquiry**, v.21, n.9, p. 798-811, 2015.

SILK, Michael; MILLINGTON, Brad; RICH, Emma; BUSH, Anthony. (Re-)thinking digital leisure. **Leisure Studies**, v. 35, n. 6, p. 712-723, Nov. 2016.

WRIGHT, Jan; BURROWS, Lisette; RICH, Emma. Health imperatives in primary schools across three countries: intersections of class, culture and subjectivity. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, v.33, n. 5, p. 673-691, 2012.

Pesquisa resultante de Estágio Pós-Doutoral Sênior desenvolvido junto à Universidade de Bath/
Reino Unido.

Apoio:

Capes e Fundação Araucária; Department for Health, University of Bath.